

Férias: Na minha casa ou na tua?**Número de Documento:** 9998920**Porto, Portugal 15/08/2009 10:05 (LUSA)****Temas:** Turismo, Férias, Sociedade

*** Ana Cristina Gomes, da Agência Lusa ***

Porto, 12 Ago (Lusa) - Um condomínio com praia privativa na Florida, uma mansão luxuosa com iate à porta, na Austrália, e um apart-hotel com tudo incluído, no México, foram alguns dos locais onde João Alexandre Santos passou férias nos últimos seis anos, sem pagar nada.

Ou melhor, quase nada: pagou as viagens de avião a partir de Portugal, alugou carros, não poupou na gasolina que lhe permitiu conhecer “metade do México” e fazer seis mil quilómetros na Austrália, mas não gastou um cêntimo com as estadias.

Este optometrista de 40 anos é um dos membros do site **Troca de Casa** (www.trocacasa.com), criado em Agosto de 2006 em Portugal.

Trata-se da versão portuguesa do HomeExchange que, há 17 anos, a partir da Califórnia (Estados Unidos), criou um sistema de troca de casas para férias.

A ideia é que as famílias inscritas no site (onde pagam entre 39 e 79 euros anuais) combinem trocar as suas casas: a família A passa férias em casa da família B, e vice-versa, mas não é necessário que isso aconteça em simultâneo.

São várias as modalidades previstas, até ficar a dever: “Como não tenho muita disponibilidade, e recebo muitas ofertas, às vezes fico em crédito. Neste momento tenho quatro: à República Dominicana, à Carolina do Norte, à Austrália e à Nova Zelândia”, revela João Alexandre Santos.

Ficar na casa da outra família enquanto ela lá está também é uma possibilidade (os membros chamam-lhe troca de hospitalidade), mas se se tratar de uma mansão de luxo isso é só um detalhe.

“Em Surfers Paradise ficámos numa mansão com iate à porta, piano de cauda, suites com jacuzzi, piscina... era tudo de alto gabarito. O senhor era um artista, estava na casa, mas quase nem nos cruzávamos”, recorda João Santos.

António Batista, de 43 anos, jornalista, fundador e administrador da versão portuguesa do site, não esquece a visita ao Canadá, onde programou duas trocas, em Montreal e no Québec, e ficou instalado em duas vivendas com direito a carros topo de gama.

Mas não é só o luxo e a poupança que seduz estes viajantes: “Inicialmente, as pessoas pensam no dinheiro que vão poupar. Mas uma sondagem recente revelou que, depois da primeira troca, muitos já dizem que o maior benefício é conhecer uma região como um habitante local e desfrutar do conforto de uma casa”, revela António Batista.

João Alexandre Santos nunca apreciou o turismo de massas e prefere “menos contacto com turistas e mais contacto com os nativos”.

Ilda Marques, contabilista, de 46 anos, que viaja com o marido e os dois filhos, de 21 e 15 anos, gosta sobretudo do conforto.

“Não é preciso abastecer a despensa a partir do zero e, se chover, os guarda-chuvas da família estão lá”, descreve.

A poupança, diz, passa para segundo plano: “Queremos é conhecer outras pessoas, fazer amizades e conhecer melhor outros países”.

Preocupações com o facto de ter uma família estranha em casa parece que não há: “No início pensámos muito nisso, mas nunca houve problemas”, garante a contabilista.

“Tratam a casa melhor do que eu. Se fossem pessoas amigas não tratavam tão bem”, afiança António Batista, alertando que é sempre possível deixar as coisas de maior valor numa divisão fechada aos hóspedes.

Mais do que isso, Batista afiança que nunca houve burlas ou roubos: “Em 17 anos e milhares de trocas realizadas, nunca tivemos conhecimento de roubos, vandalismo ou algum caso de alguém chegar à suposta casa do seu parceiro e encontrar um lote vazio”.

ACG.

Lusa/fim